



Jornal da Escola: cidadania e conscientização política como prática do cotidiano escolar

Daniele Faenello¹

Resumo: O Jornal da Escola é um projeto desenvolvido com alunos de 7º e 8º anos de uma escola do Campo (Escola Municipal Epitácio Pessoa), interdisciplinarmente, no âmbito das disciplinas de História e Arte, sob coordenação da professora Daniele Faenello. Partiu dos estudantes a iniciativa de criar um jornal escolar que pudesse abordar temas relacionados à sociedade e ao cotidiano escolar, sendo a professora uma orientadora desse processo. O projeto possui o objetivo de abordar temáticas de História e do Tempo Presente na perspectiva dos próprios educados. Duas matérias se destacam pela criticidade e importância, a primeira, na 4ª Edição, que denuncia a existência de um “valão” contornando a escola acarretando perigo de acidente para os alunos e outra, na 5ª Edição, cujo assunto principal são os efeitos e combate às Fake News. O Jornal ainda produziu um curta-metragem chamado “A vida na Vila Marrecas”, tendo os aspectos culturais dos pioneiros da região como tema principal. Hoje, o Jornal da Escola conta com 6 edições e o curta-metragem premiado no festival municipal. A proposta coloca o aluno no centro do processo ensino-aprendizagem, pois incentiva a autonomia, pesquisa científica, criatividade, busca por enriquecimento do repertório cultural, conscientização digital, argumentação, autoconhecimento, empatia e comunicação consciente, elementos fundamentais no desenvolvimento dos estudantes.

Palavras-chave: Jornal escolar; Ensino de História; Tempo Presente.

Introdução

O Jornal na Escola é um projeto idealizado durante o período pandêmico e desenvolvido com alunos da Escola Municipal Epitácio Pessoa, na área rural do estado do Paraná. Para compreendermos a dimensão do projeto, temos que, primeiro, conhecer a escola e o contexto no qual está inserido. Estando localizada na área rural do município de Francisco Beltrão, a Epitácio Pessoa corria o risco de fechamento, uma vez que a política do governo estadual Beto Richa (PSDB) priorizava o encerramento das Escolas do Campo e o remanejamento dos

¹ Professora efetiva da rede municipal de ensino de Francisco Beltrão. Mestre em História Política e doutoranda em História, Cultura e Narrativas na Universidade Estadual de Maringá. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8297627707127313> ORCID 0000-0001-7838-3214. E-mail danifaenello@gmail.com.

alunos para a cidade, como ocorreu com escolas das comunidades vizinhas. A justificativa era de que o número reduzido de alunos matriculados tornava economicamente inviável a manutenção de uma instituição que ofertasse Educação Infantil e Fundamentais I e II. Nessa mesma época, 2013 e 2014, a escola foi contemplada com verba do Plano de Ações Articuladas – PAR, iniciativa do Governo Federal para a construção de uma nova sede com 6 salas de aula, cerca de 1.000 metros. O prédio antigo já havia sido solicitado pela comunidade e passaria a sediar a catequese e a capela mortuária. Nesse contexto, o grupo de professores dos anos 2015, 2016 e 2017 pensou juntos em uma solução para o possível fechamento da escola. Fez um mapeamento, buscou parcerias com a Universidade Estadual do Paraná, ampliou o currículo e apresentou a proposta de Ensino Integral à Prefeitura Municipal de Educação.

Após três anos de pesquisas, escritas e obstáculos, a Escola teve sua nova Proposta Pedagógica Curricular (PPC) aprovada, mantendo o mesmo nome da instituição, contudo, com dois prédios distantes em cerca de mil metros de distância. O prédio novo passou ofertar Educação Infantil e Fundamental I, e o antigo manteve o Fundamental II. A escola passou a ser uma instituição pública municipalde caráter integral, cujo PPC possui disciplinas específicas com currículo desenvolvido pelos próprios professores e adaptado a realidade rural e local. Entre as novas disciplinas, com objetivos, conteúdos e metodologias específicas, estão: Musicalização, Jogos e Brincadeiras, Arte e Cultura Popular, Estudos Dirigidos, Informática, Manipulação de Alimentos, Desenvolvimento Rural Sustentável e Esporte e Lazer.

Para a elaboração da matriz curricular de cada disciplina, foram realizados diferentes estudos e visitas a escolas do Paraná que já possuíam o ensino em tempo integral. A partir da análise de seus projetos, foi desenhado um modelo readequado a nossa realidade. Uma constatação observada nessas pesquisas era que a grande maioria das escolas oferecia as disciplinas do currículo comum em um período e no turno contrário oficinas sem objetivos pré-definidos, planejamento, metodologia específica ou sequência de conteúdo. Tivemos, portanto, duas preocupações em nossa escola: transformar as modalidades específicas em disciplinas com currículo específico e pensar modalidades que expressassem a realidade campesina a qual a escola e os estudantes estão inseridos.

Este currículo é fundamentado na Base Nacional Comum Curricular - BNCC, que prevê a evolução integral dos estudantes, ou seja, seu desenvolvimento pleno a partir do ensino ativo. Esses princípios norteiam políticas públicas e práticas pedagógicas integradas a realidades locais e regionais, considerando a experiência cultural, social e econômica das

comunidades. Dessa forma, o ensino prevê o desenvolvimento das funções psíquicas primárias: consciência, orientação, atenção, memória, senso perceptivo, pensamento, afeto, linguagem, inteligência e conduta, ou seja, o progresso total dos indivíduos. Essa concepção coloca o aluno no centro do processo, pois por meio da pesquisa irá aprender a conhecer conceitos, bases teóricas, desenvolver processos cognoscitivos, despertar a vontade de saber mais, aprender a fazer, aplicando na prática seus conhecimentos teóricos, além de aprender conviver com o outro, participando de projetos, assumindo valores, aprendendo a ser e intervindo de forma consciente e proativa na sociedade.

O Tempo Presente na sala de aula

A História do Tempo Presente é uma construção, e, portanto, se reescreve constantemente mediante inserção de novos materiais, revisões e correções (Delgado e Ferreira, 2013). Não é consenso entre historiadores o marco inicial que marcaria o início do Tempo Presente, todavia, os autores apontam a presença de memórias vivas, com testemunhos e relatos que possam ser ouvidos, podem constituir uma definição temporal. O que poderia estabelecer uma história como sendo do tempo presente, é, portanto, a presença de memória viva, ou seja, relatos, testemunhos e narrativas de atores históricos que se configuram em fontes de pesquisa. Nesse sentido, também fontes históricas estão disponíveis de maneira transitória, pois com o surgimento de documentos inéditos, pode-se ter uma outra interpretação do acontecimento histórico.

Ela seria o registro de vivências de grupos sociais, e a memória individual constitui-se como ponto de vista da memória coletiva, como nos quadros sociais da memória de Halbwachs (1990). Também é entendida como uma dialética da presença e da ausência, e da organização do esquecimento (Ricoeur, 2007). E pode ser ainda um registro de experiências e vivências, plenas de significado (Benjamin, 1985). Essa dinâmica complexa, em que história e memória se alimentam e simultaneamente se diferenciam, tem ensejado um diálogo fértil da história com diferentes áreas de conhecimento como psicologia social, antropologia, sociologia e ciência política (DELGADO, 2011, p. 26).

Entre 1870 e 1914, com a institucionalização da História como disciplina universitária, acreditava-se que para garantir a objetividade do trabalho do historiador, era necessário dar o distanciamento necessário para que não houvesse conflito com testemunhas vivas. Outro ponto debatido era a subjetividade nas interpretações do historiador, uma vez que estava inserido no acontecimento, e, além disso, o distanciamento com relação ao evento possibilitaria o acesso a arquivos desconhecidos e com informações mais amplas. Destas, talvez a questão mais debatida fosse a inserção do historiador no acontecimento, como

testemunha da história, o que poderia aferir em impasses para lidar com as emoções do momento e racionalizar os fatos, deixando a objetividade pela subjetividade.

Comum aos historiadores do tempo presente são embates pessoais, principalmente ao que se refere a ideologias e visões políticas. Contudo, é preciso lembrar que a história não se refere apenas a relatos oficiais. A reconstrução do cotidiano, de elementos culturais são possibilidades ao professor de história, uma vez por meio da memória é possível resgatar músicas, costumes, indumentária, alimentação e práticas cotidianas imediatas, mediante memórias vivas. Para além, embora o imediatismo não permita acessar arquivos oficiais, a proximidade temporal e material do período estudado possibilita o acesso a arquivos de mídia, diálogos com memórias vivas, objetos, fotografias. Registros que constituem representações sociais não só de acontecimentos, mas também de temáticas relacionadas ao cotidiano.

Ao refletir sobre o ensino de História e as demandas do tempo presente, Pinha Silva (2017) salienta as impressões trazidas do nosso tempo pelo enunciador. Em outras palavras, a fala do historiador reflete conhecimento, vestígios, marcas do tempo presente no discurso historiográfico. Todavia, essa presença não pode significar a ruptura temporal entre passado e presente, uma vez que é intrínseco ao trabalho do historiador estabelecer essas diferenças por meio "descentramento - saída do próprio centro de produção de sentido" (p. 101). Ou seja, tanto no presente, como no passado, não há como afastar a análise historiográfica do ponto de vista do historiador.

Uma maneira possível de fazer o uso consciente do presente no passado é o que Nicole Loraux chama de "prática controlada de anacronismo". Conferindo problemáticas orientadoras da análise que não são contemporâneas ao período e espaço investigados. Assim, partindo de questões e critérios contemporâneos, o historiador pode mergulhar nas experiências humanas, não sem considerar também a contemporaneidade do período estudado. Tal prática significaria um equilíbrio diante da inevitabilidade da presença do tempo presente na escrita historiográfica (Pinha Silva, 2017).

Considerando as diferenças teórico-metodológicas entre o trabalho do historiador e professor, Pinha Silva sugere a utilização da mesma prática de anacronismo controlado ao trabalho do docente em história. Para isso, o pesquisador teria que traduzir o passado, dialogando e dando forma no presente. Esse trabalho iria muito além do que apresenta a documentação e desafiaria a função interpretativa de historiadores professores. Para mais, é preciso considerar leis e pressupostos teóricos que norteiam o ensino de História:

“[...] professor de história mobiliza outros recursos e saberes, produzindo conhecimento a partir de condições específicas tais como: contexto escolar

de enunciação da aula, projeto político-pedagógico da escola, programas curriculares nacionais e locais, diferentes estágios de formação dos estudantes, saberes apreendidos ao longo da experiência de vida e em sala de aula” (Pinha Silva, 2017, p. 105).

A partir desses atravessamentos, tal qual a função de historiador, o professor cria uma identidade intelectual para formular o texto de suas aulas. Outro fator fundamental a ser levantado são as trocas estabelecidas na relação docente-discente, possibilitadas pela interação com os alunos. Cada aluno traz consigo experiências e pensamentos que lhe são próprios, germinados como resultado de suas experiências culturais no tempo. Dessa forma, o historiador/professor se apropria de conhecimentos e metodologias científicas, diante de suas próprias vivências, traduz esse conhecimento para seus interlocutores.

É preciso considerar também como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) dá importância a maneira como o conhecimento histórico é construído, com linguagens variadas. Segundo o documento, são os questionamentos e elaboração de hipóteses que conduzem a produção do conhecimento histórico no âmbito social, auxiliando o processo de compreensão da memória e formulação de narrativas. Os indivíduos produzem saberes, sendo o diálogo e comunicação um dos mais importantes nesse processo, pois possibilita o despertar para diversidade cultural, social e política. Sendo que a argumentação decorrente desse diálogo, incentiva o sujeito a enfrentar problemas e a criar soluções para possíveis contradições (Brasil, BNCC, 2018).

Ademais, a BNCC propõe que os alunos busquem autonomia, construindo interpretações de maneira fundamentada e com rigor científico. Dessa maneira, os alunos passam a assumir o papel de sujeitos do processo de ensino e aprendizagem, assumindo uma atitude historiadora diante de pautas e conteúdos. A produção de textos, elaboração de roteiro, construção das cenas estimula o debate e a percepção para a diversidade de sujeitos, despertando a autonomia e formação cidadã (Brasil, BCNN, 2018).

Da mesma forma, os documentos constituintes dos Parâmetros Curriculares Nacionais nos trazem argumentos sobre como a problematização da realidade atual permite que o aluno tenha uma compreensão mais elaborada das problemáticas históricas, uma vez que presente e passado se inter-relacionam. Por isso, o planejamento deve ser constituído de maneira a incentivar o aluno a "questionar, aprofundar, analisar e refletir sobre as amplitudes históricas da realidade atual e como são construídos os processos dinâmicos e contraditórios das relações entre as culturas e os povos” (Brasil, PCN, 2018, p. 68).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, os planejamentos devem ser pensados de maneira a fazer com que os alunos sejam capazes de posicionar-se de maneira

crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas. Para isso, diferentes linguagens podem ser utilizadas – verbal, musical, gráfica, plástica – como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, ou seja, tanto para interpretar situações como para comunicar. Por isso, cabe ao professor utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos, questionando a realidade, formulando problemas e propondo resoluções (Brasil, PCN, 2018).

Outro ponto fundamental, também abordado nos Parâmetros Curriculares, é o estudo do meio como metodologia de trabalho. Tal prática envolve estudo prévio, levantamento de questões a serem investigadas, problematizações, interpretação e conclusão. A inserção no meio “possibilita o reconhecimento da interdisciplinaridade e de que a apreensão do conhecimento histórico ocorre na relação que estabelece com outros conhecimentos físicos, biológicos, geográficos, artísticos” (Brasil, PCN, 2018, p. 93). No estudo do meio, os alunos constroem o conhecimento de forma ativa e interpretativa, relacionando conteúdos históricos e de outras disciplinas, transformando-se no sujeito produtor de conhecimento.

Prática participativa em um Jornal Escolar

As mudanças que estamos vivenciando nas últimas décadas a partir da inserção da rede mundial de computadores em nosso cotidiano, alterou formas de relação, sociabilização e comportamento. Frente a essa nova realidade, a escola não pode estar ausente e precisa repensar os processos de formação humana, propondo soluções que promovam a conscientização e letramento digital (Trevisani et al. 1998). Um aluno capaz de ver a realidade que o cerca e pensar soluções para problemáticas, se converte em um cidadão sensível às questões sociais e humanas.

Pensando nisso, o projeto Jornal da Escola foi desenvolvido de maneira interdisciplinar nas aulas de História e Arte, em modelo híbrido, no contexto da readaptação pós pandemia, em 2021. Como se trata de uma escola pequena e municipal, a mesma professora é responsável por ambas as disciplinas. Naquele período, os alunos estavam aprendendo noções básicas de fotografia, enquadramento e edição de vídeo. Munidos de pouca experiência, trabalharam alguns elementos necessários na edição, como roteiro, ofício do jornalista e âncora, temas de matérias, abertura (vinheta), captação de som, gravação. A disciplina de História veio para orientar pautas, discussões e propor formas de transformar o jornalismo que estava sendo produzido em conscientização cidadã e política.

O primeiro passo foi designar e distribuir funções para elaboração de roteiro, direção, repórteres, vozes, âncora, cinegrafistas, editores e equipe técnica. Em seguida, definir vinheta, logomarca e gravar a abertura do Jornal. Distribuídas as atribuições, o passo seguinte foi eleger possíveis pautas para as matérias. Orientamos os alunos de maneira a elaborar um roteiro contendo detalhadamente todas as falas e cenas que deveriam ser gravadas e iriam aparecer no vídeo final. Deixamos claro a importância de pensar a lógica do programa, com duas reportagens totalizando 3 a 4 minutos.

Em caso de elaboração de reportagem gravada e posteriormente narrada, os alunos deveriam se atentar para os textos, pois as frases deveriam ser curtas e objetivas. Outra orientação diz respeito ao apresentador, pois deveria falar pausadamente, declaradamente e com naturalidade. Na elaboração das notícias a dica foi mencionar 1. O fato (O que aconteceu?) 2. Onde aconteceu? 3. Quando? 4. Como? 5. Quais os envolvidos? 6. Qual o porquê do ocorrido? A notícia deveria ser gravada em áudios curtos, para depois ser acoplada ao vídeo final na edição. A edição é feita em aplicativos gratuitos para smartphone, como *Inshot* e *Cupcult*, o qual os alunos já possuem familiaridade. Todos os processos foram feitos com auxílio e supervisão do professor.

De início, começamos com alunos do 6º ano, sendo a extensão para outras turmas um processo natural, uma vez que havia interesse em participar do projeto. O Jornal da Escola conta hoje com 5 edições e um curta-metragem premiado no festival municipal. Dentre os temas já abordados em nossas reportagens estão assuntos do cotidiano escolar, como professores que passaram a pertencer ao quadro institucional da escola, cobertura jornalística da festa junina interna, reportagens esclarecendo a comunidade sobre a proposta curricular das disciplinas de Arte e Cultura Popular e Manipulação de Alimentos. No entanto, três matérias, se destacam pela criticidade e importância:

A 4ª Edição do Jornal da Escola denuncia a existência de um “valão”, ou seja, uma cratera que contorna a escola. O problema é de preocupação recorrente entre os professores, pois atrapalha o dia-a-dia dos alunos e implica risco de acidentes. O interessante da reportagem é que o roteiro e concepção foi todo elaborado pelos discentes, sob o ponto de vista de crianças estudantes. Embora a situação grave já tivesse sido denunciada e relatada diversas vezes na prefeitura do município, a matéria tomou um caráter dinâmico e divertido, uma vez que as crianças ficaram livres para dar um relato sob sua ótica infanto-juvenil. Por exemplo, na interpretação deles, o “valão” era um problema porque quando praticavam esportes perdiam as bolinhas no buraco e se sujavam durante o resgate.

A 5ª Edição, explorou o tema Fake News e seus possíveis efeitos. O tema surgiu da necessidade de conscientização em uma faixa etária que está começando a utilizar o celular com frequência cada vez maior e ainda tem dificuldade para identificar possíveis manipulações. Além disso, pensamos no ambiente político e possíveis efeitos das notícias falsas na pandemia de 2019-2022, partindo de narrativas fictícias que os próprios alunos compartilharam. Na reportagem, os estudantes entrevistaram pessoas da comunidade e pesquisaram estratégias para evitar cair nessas armadilhas, compondo assim o vídeo final.

Buscando interconectar mais a escola, a 6ª Edição foi gravada com alunos do 5º ano do Fundamental II. Como as crianças estavam aprendendo sobre a importância da preservação do patrimônio histórico e cultural, fizeram uma visita a Igreja São Francisco de Assis localizada na Comunidade Seção Jacaré, patrimônio histórico de Francisco Beltrão. Na reportagem, os alunos entrevistaram a pioneira da comunidade, Dona Iria Brufatti, que relatou suas memórias de como a igreja teria sido construída. Um fato chamou a atenção dos alunos, pois segundo Dona Iria, a arquitetura teria sido inspirada em uma ilustração que decorava uma caixinha de fósforos da época.

Curta-metragem “Vila Marrecas”

Como aprofundamento ao projeto e consequência natural de um planejamento que já estava dando bons resultados, surgiu, entre os professores, a proposta de realizar a gravação de um curta-metragem para falar sobre a história local e que também envolvesse outra disciplina, Arte e Cultura Popular.

O propósito era abordar objetivos específicos da disciplina, como: Conhecer e vivenciar aspectos da culinária, costumes/cultura, trabalho, vestuário, música, dança, moradia, locais de memória e festas; Compreender o processo de colonização e imigração dos povos gaúchos que residem na região; Proporcionar contínuas experiências, fazendo uso de pesquisas históricas (origens, características, fotografias, música); Descrever e analisar relatos de imigrantes, experiências, influências trazidas pelo idioma e cultura; Reviver momentos históricos, sociais e culturais. Ademais, acrescenta-se as habilidades e competências da BNCC.

Para pensar no processo de gravação de um filme, muitos elementos precisam ser pensados como, roteiro, cenários, trilha sonora, estilo de edição, figurino, maquiagem. Logo, a primeira proposta para os alunos foi de que pesquisassem aspectos culturais dos primeiros moradores de Francisco Beltrão, que no ano de 2022 completaria 70 anos de fundação. Para isso, eles poderiam perguntar aos vizinhos, pesquisar fotografias, conversar com bisavós, ou

apenas relembrar aulas anteriores. Como a escola já havia feito um trabalhado com fotografias antigas, facilitamos o processo levando para sala de aula uma caixa com fotos antigas que haviam sido trazidas por alunos em anos anteriores.

Na sequência, pensamos em possíveis cenários, tarefas comuns ou cotidianas da década de 50. A proposta de edição “como no filme do gordo e o magro”, ou seja, preto e branco, com falhas, simulando filme antigo, foi inteiramente dos alunos. É provável que o que tenha inspirado a ideia tenha sido justamente as fotografias. Outra curiosidade é que tentamos recriar algumas cenas exatamente como as fotografias antigas representavam, para nos aproximarmos o máximo possível da realidade da época.

O filme foi dirigido pela professora Daniele Faenello com auxílio da coordenadora Gilmara Nesi e diretora Claudia Mattei, apoio de Eliane Mattei, Adalgisa Piasson e Iria Nesi. Os cenários ficaram por conta de professores, pais e amigos da comunidade, que emprestaram suas casas e espaços para a gravação das cenas. Figurino e cenário foram compostos por peças emprestadas da Companhia de Teatro Théspis, roupas antigas e calçados de professores, itens trazidos por alunos e cada um que quisesse colaborar. A sinopse oficial foi escrita em conjunto com os alunos:

Francisco Beltrão foi criada em 1951 e instalada em 14 de dezembro de 1952, mas seus primeiros habitantes começaram a chegar na década anterior, quando ainda era chamada Vila Marrecas. Os moradores vinham do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, sendo que a maioria era descendente de italianos, alemães e poloneses, o que ajuda a explicar aspectos culturais do povo Beltronense. Nesse curta, você acompanha a reconstrução de memórias dos pioneiros, relacionadas ao cotidiano, alimentação, lazer e religião, algumas as quais sobrevivem ao tempo e se perpetuam em tradições passadas para os mais novos. É a formação cultural em 70 anos de história da cidade.

*O curta-metragem "Aspectos culturais dos moradores de Francisco Beltrão" foi desenvolvido no âmbito da disciplina Arte e Cultura Popular, cujo objetivo é o resgate da memória cultural e artística dos povos que ocuparam a região Sudoeste do Paraná.

A primeira cena mostra um casal em ambiente privado. Enquanto a figura masculina sintoniza uma música caipira no rádio antigo - Canário e Canarinho, vem meu amor, de 1960- a feminina lê um livro sentada em sua poltrona. Interessante aqui o debate proporcionado pela inserção do rádio, meio de comunicação, mídia e entretenimento na década de 1950 e como a geração atual se imaginaria naquele contexto.

A segunda cena, do casamento, objetivamos mostrar uma das formas de lazer em sociedade no período. Os casamentos aconteciam em igrejas de madeira, ou nas próprias casas, com festas organizadas coletivamente por pessoas da comunidade e familiares. Se tratava do evento social mais significativo e importante da época, pois reunia pessoas de

longas distâncias e proporcionava diversão em um mundo onde o trabalho na roça tomava a maior parte do tempo.

Em uma das cenas caracterizamos a vida no bar. Embora exponhamos adolescentes simulando uso de bebidas alcoólicas e cigarro, optamos pela encenação consciente após intenso debate. Entre os pioneiros do município, há diversos relatos de pessoas que foram incentivadas a fumar cigarro de palha ainda com 12, 13 anos, em rodas familiares, após um dia de trabalho na roça. Da mesma forma, a ingestão de cachaça e cerveja era uma atividade comum e a “bodega” um ambiente de socialização masculina. Da mesma forma, a caça era uma atividade cotidianamente masculina, retratada na sexta cena.

A proposta da quarta cena foi mostrar as técnicas de plantio, como a semeadeira manual, plantadeira e a já conhecida enxada. Além disso, explorar uma fração fundamental na sociedade do período, a relação do homem com a terra, por meio do plantio e colheita, de onde tiravam seu sustento e a criação de animais. Como já foi explanado, a maioria dos alunos mora e vive do trabalho no campo, por isso a visão do trabalho com a terra sem as tecnologias atuais toma uma dimensão ainda mais importante e autoconsciente.

A quinta cena e sétimas cenas propõem retratar algumas tarefas cotidianas atribuídas ao gênero feminino. Na primeira, um pão de fermentação caseira é colocado para assar em um forno de tijolos, chamado na época de borraio. Com isso, discutimos também os processos naturais de manutenção e preservação dos alimentos, além da ausência de ultra processados. Em outro take, duas meninas representam mulheres esfregando roupas com sabão de banha de porco em um riacho. Na época, os produtos de limpeza eram feitos em casa com adição de soda cáustica, vendida em armazéns chamados “secos e molhados”. Com proposta semelhante, a sétima cena representa tarefas domésticas realizadas por mulheres no ambiente privado, assim como um encontro entre amigas para tomar chá.

Por fim, a última cena representa a viagem dos imigrantes e chegada até a região, com todos os alunos caracterizados para a cena final. O trajeto de regiões do Rio Grande do Sul e Santa Catarina para o sudoeste do Paraná era costumeiramente feito em carroças e caminhões, levando até alguns dias para ser concluídos. Em casos de famílias mais abastada, esse percurso era realizado em carros de época, como o Ford Willys, popular nas décadas de 50, 60 e 70. Para essa tomada, visitamos uma casa antiga da comunidade e representamos as cenas com malas da época, feitas de madeira.

Durante a feitura do curta alguns debates foram bastante interessantes, caso da importância dos livros, dos rádios, dos espaços de sociabilização e ausência de infância, uma vez que crianças começavam a trabalhar muito cedo na roça e, em muitos casos, não tinham

oportunidade de estudar, além da questão já mencionada do cigarro de palha. Outro ponto levantado foram os espaços masculinos e femininos (bar e a cozinha) e atividades atribuídas a cada gênero, onde, por exemplo, caça é uma tarefa atribuída a homens e lavar roupas, às mulheres. Com isso, refletimos sobre papéis de gênero e como liberdade feminina conquistada possibilitou transformações nas conjecturas sociais, propiciando mudanças no ambiente público e estendendo-se, aos poucos, para o privado.

O curta foi inscrito no Concurso CurtaBel de Curta-metragem e foi premiado em todas as categorias do Fundamental II, sendo eles: melhor filme, melhor diretor, melhor produção, melhor trilha-sonora, melhor figurino, melhor fotografia, melhor ator, melhor ator coadjuvante, melhor atriz e melhor atriz coadjuvante.

Reflexões finais

No início do projeto Jornal da Escola, o jornalismo da Mídia NINJA – Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação – inspirou nossa metodologia. Ou seja, partindo do pressuposto de que com um smartphone poderíamos fazer as cenas e captação de áudio de forma independente, além da edição de vídeo. Com isso, acreditamos que a prática pode ser estendida a outros espaços educacionais diversos. O Projeto Jornal da Escola se destacou entre os estudantes por envolver práticas que envolviam hábitos que já estavam presentes em seu cotidiano. Gravação de vídeo, edição, utilização de aplicativos, upload de vídeos no *Youtube* são tarefas cujos alunos já possuem bagagem. A inovação está em redirecionar essas atividades para a educação, com supervisão e tendo como base o conhecimento histórico e científico.

Todo processo de pesquisa, construção argumentativa do texto e construção das cenas foram pensadas junto com os alunos, logo, as atividades promovem o desenvolvimento questionador, analítico e cooperativo. Como as cenas foram gravadas coletivamente, é interessante observar o sentimento de coletividade desperto no grupo, que torceu para cada colega acertar suas falas ou encenações. Outro despertar foi para criticidade, ao sugerir pautas, possibilidades e contribuir com ideias.

Para a realização do projeto, a avaliação foi processual e contínua por meio de análise de envolvimento e desenvolvimento de cada aluno com o Jornal da Escola. Como em qualquer atividade, alguns se destacam e se envolvem mais com as dinâmicas. Interessante observar como nem sempre esses são os que se destacam cotidianamente em sala de aula. Ou seja, o projeto oportunizou que novos talentos surgissem e pudessem manifestar seu conhecimento de forma alternativa àquela explorada cotidianamente em sala de aula.

Os alunos participaram de todo processo criativo, sendo natural alguns se envolveram mais no projeto. Importante notar como alunos inclusos, com déficit de atenção, autista, transtorno opositor e dislexia, realizaram atividades com dedicação e entusiasmo, sendo como narradores de vídeos, como repórteres, cinegrafistas, atores, etc. Assim, a proposta colocou o aluno no centro do processo ensino-aprendizagem, pois incentivou a autonomia, pesquisa científica, criatividade, busca por enriquecimento do repertório cultural, conscientização digital, argumentação, autoconhecimento, empatia e comunicação consciente, elementos fundamentais no desenvolvimento dos estudantes.



Figura 1 – Quando iniciamos o projeto estávamos retomando após período de quarentena e em modelo híbrido. Na imagem, Isadora Bordin, com máscara, na bancada do Jornal da Escola.

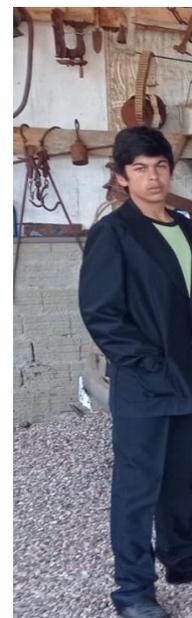


Figura 2 – Alunos do então 7º ano caracterizados como pioneiros de Francisco Beltrão para a gravação do curta-metragem “A vida na vila Marrecas”.



Figura 3 – O aluno Bryan atuou como repórter em reportagem sobre Fake News. Com muita tristeza o perdemos em 2023. Há coisas que não podemos explicar, mas sentimos. Fica nossa lembrança e homenagem.

Anexo: links das edições.

Documentário - A vida na Vila Marrecas - 70 anos de Francisco Beltrão

https://www.youtube.com/watch?v=1lzjxhIOuQ&list=PLJFCNhDs_fnEmEeVX8uiwFtV1ED0vc0i0

Jornal da Escola - 1ª Ed. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=7g2vsnFudms&list=PLJFCNhDs_fnEmEeVX8uiwFtV1ED0vc0i0&index=6

Jornal da Escola - 2ª Ed. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=wQxzmZW6JTY&list=PLJFCNhDs_fnEmEeVX8uiwFtV1ED0vc0i0&index=5

Jornal da Escola - 3ª Ed. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=S8wpup6l59A&list=PLJFCNhDs_fnEmEeVX8uiwFtV1ED0vc0i0&index=4

Jornal da Escola - 4ª Ed. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=IDkH40K11vw&list=PLJFCNhDs_fnEmEeVX8uiwFtV1ED0vc0i0&index=3

Jornal da Escola - 5ª Ed. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=utyuj2eQIBo&list=PLJFCNhDs_fnEmEeVX8uiwFtV1ED0vc0i0&index=2

Jornal da Escola - 6ª Ed. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=xAlfmOgJJ18>

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998.
- MOURA, Andrea Larisse Castro; TOCANTINS, Raimundo Araujo. O jornal escolar como recurso pedagógico. **Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação**, [S.l.], v. 9, n. 3, p. 311-332, nov. 2015. ISSN 1981-9943. Disponível em: <<https://bu.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/4959>>. Acesso em: 11 abr. 2023. doi: <http://dx.doi.org/10.7867/1981-9943.2015v9n3p311-332>.
- TREVISANI, M.; MOREIRA, A.; GALUCH, M.; SFORNI, M. Jornal na escola: da informação à opinião esclarecida. **Revista Comunicação & Educação**: São Paulo, 17 a 23, maio. /ago. 1998.
- BERTONHA, João Fábio. Apresentação ao dossiê: Problemas e questões da história do tempo presente. **Revista Eletrônica Cadernos de História**, ano 7, n.º 1, jun. 2012.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente e ensino de História. **Revista História Hoje**, v. 2, nº 4, p. 19-34 - 2013.
- SILVA, Daniel Pinha. O lugar do tempo presente na aula de história: limites e possibilidades. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 99 - 129. jan./abr. 2017.